

FOTO: GABRIEL FREITAS

REDE BODEGA TECENDO **histórias** DE VIDA E TRANSFORMAÇÃO!

A prática da economia popular solidária
deu fruto a uma articulação estadual
que tem modificado consciências e
relações humanas.

Fundos Rotativos

Suscitando o
desenvolvimento local
com solidariedade
e partilha.

Bodega Nordeste Vivo e Solidário

Reconstruindo memórias
de 11 anos de experiência
que semeiam a ecosol no
território cearense.

Bodega da Vila

Economia popular
solidária se faz com
arte e se multiplica
em poesia.

Cáritas Ceará

REVISTA PRODUZIDA PELA CÁRITAS REGIONAL CEARÁ POR MEIO DO PROJETO TECENDO REDES DE SOLIDARIEDADE, DA REDE BODEGA. EDIÇÃO ESPECIAL ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA. EDIÇÃO 02. ANO 02. ANO DE PUBLICAÇÃO: 2015 // TIRAGEM: 4 MIL EXEMPLARES

EQUIPE

Textos: IZABEL CRISTINA LIMA, LUCIANA EUGÊNIO E RAQUEL DANTAS // Revisão: ANA CRISTINA FORTE E RAQUEL DANTAS // Fotografias: ACERVO REDE BODEGA, IZABEL CRISTINA LIMA E RAQUEL DANTAS, // Projeto Gráfico, diagramação e tratamento de imagens: SÂMILA BRAGA | MANDALLA COMUNICAÇÃO

APOIO:

Oi Futuro

REDES DE ARTICULAÇÃO:

Rede Cearense de Socioeconomia Solidária (RCSES) // Rede Brasileira de Comercialização Solidária (Rede ComSol) // Rede Cearense de Turismo Comunitário (Rede Tucum).

REDE BODEGA

BODEGA NORDESTE VIVO E SOLIDÁRIO

Endereço: Rua Coronel Alexandrino, 150 – Centro, Aracati. CEP: 62.800-000 // Fone: (88) 3421.4252 // Email: bodegaaracati@hotmail.com

BUEGAMA

Endereço: Avenida Contorno Norte, 1710 C - Conjunto Esperança, Fortaleza. CEP: 60.763-730 // Fone: (85) 98934.3041 // Email: budegama@gmail.com

BUEGA DO POVO

Endereço: Rua Silva Jardim, 706 – Viçosa do Ceará. CEP: 62.300-000 // Fone: (88) 99910.9245 // Email: budegadopovo@hotmail.com

BODEGA ARCOS DE SOBRAL E REGIÃO NORTE

Endereço: Rua Deputado João Deodato, 595, Loja 7.1 (Terminal Rodoviário) – Sobral. CEP: 62.100.000 // Fone: (88) 99606.0596 // Email: caritassobral@hotmail.com; bodegaarcos@hotmail.com

BODEGA DA VILA

Endereço: Rua João Damasceno Ramos, 564 – Novo Maranguape, Maranguape. CEP: 61.944-410 // Fone: (85) 98603.4105 // Email: bodegadavilapoetas@gmail.com

REALIZAÇÃO:

APOIO:



CÁRITAS
BRASILEIRA
Regional Ceará



FUTURO

REDE:



Intercâmbio de sonhos

Esta edição da Revista Cáritas Ceará se materializa para contar a história de muitas vidas ligadas ao desejo comum de poder rimar trabalho e vida com dignidade e solidariedade. O que você vai encontrar nas próximas páginas é a vivência desse sonho em tentativas, acertos, desafios e muitos aprendizados. Estamos falando da Economia Solidária, uma proposta que vem mudando trajetórias e consciências, e que nos apresenta um horizonte possível de transformação das relações humanas. Os registros dessa revista têm como foco a Rede Bodega: uma articulação de diversos grupos que praticam a economia solidária no Ceará organizados em cinco bodegas, em quatro regiões diferentes do Estado. **Como defensora da Economia Popular Solidária, a Cáritas convida você** a mergulhar e se envolver com a construção de outro mundo possível através dessa forma diferente de viver.

Também costumamos fazer referência à economia solidária através do termo ecosol, que você vai encontrar várias vezes ao longo desta publicação

Rede Cáritas Ceará



p. 16



p. 14



p. 8



p. 10



p. 4



p. 18



p. 12



p. 4



[Rede Bodega]

A história de cada um para contar a história de todos
 >> **página 4**

[Nordeste Vivo e Solidário]

Para construir uma história diferente é preciso coragem
 >> **página 6**

[Budegama]

Só se faz economia solidária se houver empoderamento das mulheres
 >> **página 8**

[Bodega do Povo]

A semente persistente da economia solidária
 >> **página 10**

[Bodega Arcos]

Um passo de cada vez, até conseguir andar com as próprias pernas
 >> **página 12**

[Bodega da Vila]

O tempo de solidariedade é todo templo de poesia
 >> **página 14**

[Experiência]

Rodada de Comercialização possibilita intercâmbio e fortalecimento coletivo
 >> **página 16**

[Fundos Rotativos]

Para uma economia solidária, finanças solidárias
 >> **página 18**

[Galeria]

“Ajudar-se mutuamente é energia de todo o sempre”
 >> **página 19**

A história de cada um para contar a história de todos

"Diante do colar belo como um sonho, admirei, sobretudo, o fio que unia as pedras e se imolava anônimo para que todos fossem um."

— DOM HÉLDER CÂMARA

Da semente da esperança de uma vida mais digna, justa e solidária, se constituindo no meio coletivo por mãos transformadoras de mulheres e homens do campo e da cidade, num processo autogestionário, nasce em 2008 no Ceará a articulação da Rede Bodega, tecida por grupos organizados em cooperativas e associações locais e territoriais em quatro regiões do Estado. Esse grande retalho da **Economia Popular Solidária** se distribui nas páginas que se seguem, relatadas pelos sujeitos dessa história.

Em meados de 2004, a partir dos debates em torno dos desafios da comercialização dos produtos artesanais e da agricultura familiar - estes fortalecidos com desenvolvimento e implementação das tecnologias de convivência com o semiárido e embutido dos **valores e princípios da economia solidária** -, nasce em campo fértil a idealização de dois pontos fixos de comercialização de âmbito regional. A Bodega Nordeste Vivo e Solidário, em Aracati, e a Bodega do Povo, inicialmente sediada em Tianguá, tiveram apoio da Cáritas Regional Ceará, da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte e da Pastoral Social de Tianguá, e financiamento da Catholique Relief Service (CRS).

Relatos de vida de quem escreve essa história definem as bodegas como estratégia fundamental para escoamento da produção. Nesta lógica, a proposta se amplia no Estado com a criação da Bodegama em Fortaleza, no ano de 2007, com apoio da Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza; e da Bodega Arcos em Sobral, em 2008, contando com o suporte da Cáritas Diocesana. Nesse mesmo ano os pontos são integrados. Surge a Rede Bodega, com 300 produtoras e produtores da agricultura familiar agroecológica, artesãs e artesãos, prestadores de serviço do campo familiar e de grupos coletivos.

Autogestão, valorização e promoção da dignidade do trabalho humano, cooperação, solidariedade, democracia, respeito e cuidado com a natureza são alguns de seus princípios.

A EPS é uma estratégia de desenvolvimento sustentável e solidário que constrói outro modo de produzir, consumir e comercializar, considerando as relações entre as pessoas, primando pelo trabalho associativo, cooperativo de base popular.

Hoje somos mais. A poesia chegou pertinho trazendo para todo o conjunto da obra a cultura, a arte e a vida em versos com a Bodega da Vila, nascendo em Maranguape, na Vila de Poetas. Ampliando o campo de atuação da Rede Bodega, cantando e cantando sua participação nesse processo de autogestão solidária.

A Rede Bodega assume cada vez mais seu compromisso de manter articulados os pontos fixos de comercialização solidária intitulados de bodegas, fortalecendo as diversas

dimensões da formação, captação de recursos, comércio justo e solidário, consumo ético, fazendo acontecer o desenvolvimento local solidário e sustentável nas regiões onde se estabelece, e decidindo coletivamente os caminhos por meio de uma Comissão Gestora. Uma iniciativa construída em conjunto com a Cáritas Brasileira Regional Ceará que representa uma estratégia de ação desta entidade no Brasil no campo da economia solidária.

De várias vidas dedicadas a uma causa é que se faz a transformação social. Assim essa articulação vai se fortalecendo ao longo de seus 7 anos de existência, tecida por mãos simples de tanta gente que busca melhorar sua condição de vida humana e se sentir feliz na realização de seus

[entendendo o termo]

"Bodega" nasce da resistência, de um modo de comércio balizado pela confiança, pela amizade estabelecida entre comerciante e cliente. São pequenos comércios espalhados pelo campo e periferias das cidades, onde possivelmente você encontre tudo aquilo que necessita dada a diversidade oferecida.

FOTO: RAQUEL DANTAS

atos e práticas. Somam-se à rede diversos apoiadores e parcerias regionais e locais como a igreja católica e o movimento sindical. A Cáritas Brasileira Regional Ceará também se integra às articulações de economia solidária no Estado através da Rede Cearense de Socioeconomia Solidária.

Os depoimentos, as imagens e os testemunhos vão nos conduzir a caminhos preciosos, retratando uma transformação na vida de muitas pessoas que tecem o dia a dia com desafios e muita persistência essa colcha de retalhos, de cores e cheiros diversos, de sentimentos humanos e energia verdadeira, saboreando os frutos da luta cotidiana nesse processo rico de desenvolvimento da economia popular solidária no Estado do Ceará.



Izabel Cristina Cruz

ASSESSORA EM ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA DA
CÁRITAS REGIONAL CEARÁ

É preciso para construir uma

Pessoas que ganham em cima dos produtores comprando seus produtos a um preço abaixo do valor real e repassando por um preço bem elevado.

Texto: Raquel Dantas

Produtoras e produtores da agricultura familiar, costureiras, artesãs e artesãos dos Territórios do Vale do Jaguaribe e do Litoral Leste, ouviram falar de uma tal economia popular solidária nas formações da Cáritas Diocesana de Limoeiro, que acompanhava as comunidades da região. Coletivamente, discutindo sobre as dificuldades de conseguir renda através do que podiam produzir, chegaram à conclusão de que era preciso organizar um espaço de comercialização. Passariam a garantir a venda de seus produtos sem a interferência dos **atravessadores**. Primeiro aprendizado sobre a ecosol: ninguém deve ganhar em cima do outro. Deve haver justiça econômica nas relações de troca. Surge em 2004, uma das primeiras bodegas de economia solidária do Ceará, na cidade de Aracati: a Bodega Nordeste Vivo e Solidário.

Foi preciso tempo para acertar os ponteiros dos princípios que identificavam a ecosol e definir como seriam os espaços de decisão e representação coletiva. Tudo decidido com a participação de todos. Planejaram um fundo para viabilizar a compra de matéria-prima e equipamentos aos produtores e produtoras e pensaram como se daria a sua gestão. Virou modelo para as futuras bodegas. O trabalho rendeu parcerias com outras instituições, articulações nacionais e até internacionais, aumento da quantidade de grupos associados, ajuda mútua entre pessoas e transformações das condições de muitas vidas e consciências. Um con-

junto de aprendizados a partir de uma força-motriz: outra vivência de trabalho e renda era possível.

Construir tudo isso ainda é um grande desafio depois de 11 anos. Muita gente tem vivido durante esse tempo todo em comunhão com a proposta. Mas a adesão de outras pessoas é essencial para manter a sustentabilidade necessária nesse sistema amarrado ao capital que ainda não podemos nos desvencilhar.

Para Marly Schärer (atual presidente) e quem, assim como ela, está voluntariamente na construção do espaço, dá para acreditar em algo muito além do que já conseguiram. Por enquanto, fortalece essa visão pessoas como a produtora Maria Barbosa (grupo Quero Mais, da comunidade Nova Esperança, no Aracati). “Eu penso no outro, né? E a ecosol é pensar no outro. O que eu quero de bom pra mim eu quero pros outros também”. É assim que define. Lembra quando seis famílias integravam a bodega. Hoje só a família dela persiste, trabalhando com a produção de doces, cajuína mel e rapadura. A Aila Maria (artesã da Prainha do Canto Verde) diz que é notável o impacto da produção na autoestima das mulheres. A Andréa Pessoa (artesã e articuladora comunitária) também acredita nisso. “Quando a gente fala da história das mulheres, eu também me vejo”. A família passou muito tempo sem compreender e respaldar o que ela fazia. E o que buscava era simplesmente ter liberdade e autonomia para definir os próprios caminhos. “Eu tinha que fazer a minha história de uma forma diferente”. E conseguiu. A Maria gostaria muito que a comunidade tivesse acreditado também. Ela segue.

Aila Maria e as peças produzidas pelas artesãs da Prainha do Canto Verde



coragem história diferente

A proposta de economia solidária transforma: desconstrói a lógica capitalista do trabalho e da renda. Mas não só. Modifica a compreensão de quem a pratica sobre si mesmo e as relações humanas que constrói.

Marly Schärer, uma das gestoras da Bodega Nordeste Vivo e Solidário, segura produtos feitos por artesãos da Prainha do Canto Verde



[depoimentos]

Marly Schärer

Presidente da Coapsol e associada à RedeTucum
“O lado humano, né? Acho que isso é o importante na economia solidária. Ele sobressai”.

Aila Maria Fernandes

Artesã associada à Rede Bodega e à RedeTucum
“Quando você comercializa algo pela Bodega você sabe que o preço é justo, que é o que realmente vale. E sabe também que o produto foi feito por pessoas dos grupos que estão nas comunidades, assim como você”.

Acima, produtos da confecção das produtoras da Prainha do Canto. Ao lado, o troféu Sandra Magalhães. Abaixo, licor, cachaça, castanha e doce de caju da cooperativa



Só se faz economia solidária com **empoderamento** das mulheres

No processo diário de produção, as mulheres da Budegama exercitam cumplicidade e solidariedade na união que ergue todas conjuntamente.

Texto: Raquel Dantas

Quando a gente se organiza, a gente vê que nós podemos". Foi assim, como traduz Maria Francisca, que um grupo de mulheres do Grande Mondubim foram percebendo que era preciso fazer algo pela comunidade e, sobretudo, por elas mesmas. Em 1999 organizam a Associação das Mulheres em Ação (AMA). Reflexo da luta pela regularização fundiária na comunidade Nova Esperança e de um projeto de alfabetização de adultos articulado pela Cáritas

Arquidiocesana de Fortaleza. Esse contexto fala de direitos negados que intimamente se relacionam à necessidade de renda e introduz a história da BudegAMA.

Francisca é uma das cinco Marias - além de Graça, Alves, Nilza e Ana - que protagonizam a budegama de Fortaleza. Além da única que não é Maria. A Luciana Eugênio foi quem ensinou as mulheres a produzir e estimulou a organização do grupo. As aulas eram na mesma escola onde se alfabetizavam. A ideia era que pudessem ver no artesanato uma atividade produtiva para ter algum retorno financeiro e autonomia. A produção se manteve e se firmou como parte das atividades coletivas da associação.

O plano da budegama só acontece mesmo em 2007, durante uma oficina de comercialização. Inspiradas pela experiência das bodegas de Aracati e de outra que surgia em Tianguá, as mulheres da AMA resolveram que também criariam uma budegama - com 'u'. Atualmente ocupam um ponto alugado no Conjunto Esperança. Mas o primeiro

Produção da Budegama

espaço físico foi provisoriamente a casa da Maria Nilza. Para isso dar certo foi preciso fazer uma pequena reforma. Conseguiram o dinheiro trabalhando como catadoras de materiais recicláveis durante dois meses. A solidária catadora Lúcia emprestava seu carrinho uma vez por semana e ensinava a lógica da divisão do material. Mesmo assim toda semana era certo passar o carão nas meninas porque sempre esqueciam as regras.

A budegama pôde alavancar e estruturar melhor a sua comercialização após a formação de um **fundo rotativo vinculado à AMA**. As produções tiveram grande visibilidade a partir da ideia da primeira coleção de bonecas que lançaram em 2011, nomeada Vida em Movimento. O tema incitava à reflexão sobre meio ambiente, educação sexual e questões sobre gênero e raça. Um esforço coletivo de criação com aspectos singulares de cada uma, mas que mostravam uma identidade coletiva da bodega, além da proposta de comunicar uma ideia, e não simplesmente vender um produto. Fez sucesso!

A BudegAMA tem sempre uma lista de encomendas e o trabalho não para. Apesar de estarem muito amarradas às demandas produtivas, o que dificulta a atuação que gostariam de manter nos movimentos de mulheres e na própria comunidade, é sensível o amadurecimento político que levam com elas do processo de empoderamento pela vivência da ecosol. O que qualquer um sente num tempo de prosa mais generoso com todas elas reunidas é que a coletividade e a cumplicidade dão o tom da relação que constroem diariamente. A renda modesta e o riso frouxo no meio de tanto trabalho são a prova de que a vivência complementa algo que o financeiro nunca poderá preencher.

Qualquer associada pode acessar o fundo - para apoio à comercialização, ou para apoio à produção - desde que seja para fins produtivos. Durante os primeiros anos foi por ele que todas as mulheres produtoras da AMA conseguiram comprar seus equipamentos.

[depoimento]

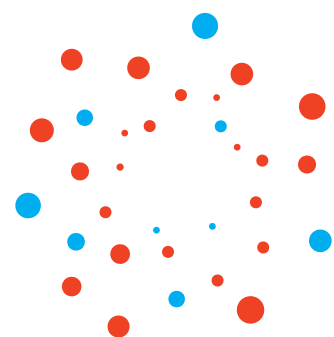
Maria Nilza

"Quando eu ingressei na AMA eu ficava me perguntando que economia era essa". Maria Nilza ficou impressionada com tanta gente discutindo o tema quando participou do Fórum Internacional de Ecosol, no Rio Grande do Sul, em 2010. Ainda em processo de entendimento, mesmo assim não titubela: "Eu dou a vida pela AMA".

FOTOS: RAQUEL DANTAS

Maria Francisca, Maria Alves, Lúcia Lacerda, Maria Nilza, Luciana Eugênio e Ana Maria Alves

Economia solidária: uma semente persistente



Tem horas que parece mesmo que não vai mais brotar. Mas a natureza do destino nem sempre acompanha a pressa e o desejo humano. A paciência e perseverança entre aqueles que acreditam nela, talvez seja o que a torna firme a tantas intempéries.

Texto: Raquel Dantas

FOTO: RAQUEL DANTAS



Cleidiane Santos, Antônio José, Cristina Costa, Francisca Maria, Conceição Galeno, Maria Inês e Antônio José (Tidé)

As histórias das bodegas se encontram em tempo, anseios e percurso. A Bodega do Povo, em Tianguá, e a Bodega de Aracati nasceram da mesma barrigada e puderam compartilhar processos muito semelhantes. Cristina Costa podia ver a movimentação das produtoras e dos produtores e ouvir as discussões sobre os atravessadores e os impasses da comercialização no mesmo instante em que participava da formação em políticas públicas que deixou como fruto a Espaf (Escola de Formação Política e Cidadania, de Tianguá). A partir desses debates é que se decide a criação da bodega em Tianguá.

As associadas e os associados da Bodega do Povo são em maior número agricultoras e agricultores, e a diferença na produção é a agroecologia. Um dos grandes responsáveis pelo incentivo à produção agroecológica no território, além da Pastoral Social de Tianguá, foi o movimento sindical dos trabalhadores rurais, ensinando através de cursos e intercâmbios que era possível plantar sem veneno, que o cultivo poderia ser muito mais rico a partir da biodiversidade e que pensar na natureza exigia também pensar nas pessoas e construir relações sociais mais humanas, justas e igualitárias. Muito afinado com o pensamento da economia popular solidária.

Conceição Galeno e o companheiro Aparecido, da comunidade Sítio Vambira, são sócios da bodega e produtores agroecológicos. Tiveram que ter paciência para que a produção da horta em mandala começasse a vingar. “Trabalhar com a natureza tem que ser no seu tempo”. Hoje Conceição valoriza o alimento que eles mesmos plantam com todo carinho e cuidado e dificilmente come fora de casa. “Como é que vou saber que não tem agrotóxico?” É por isso que ela tem grande preocupação com o futuro da bodega. Recém-eleita à presidência, junto com Antônio José (do Sindicato dos/as Trabalhadores/as Rurais de Viçosa), quer erguer a bodega com todo o povo e não deixar faltar produto. “Tenho fé que a gente vai dar conta de uma nova história”. A preocupação vem dos tempos financeiros difíceis que passaram em 2006 e 2007, pelo mau planejamento do fundo rotativo e por não terem pensado em outras formas de sustentabilidade. A solidariedade de muitas instituições manteve e ainda mantém o barco em movimento. Em 2011, no entanto, a bodega teve que ser fechada. Passou um ano até ser reaberta

Técnica agroecológica de produção de hortaliças que possibilita alimento saudável para a subsistência de agricultores familiares e fonte de renda através da comercialização.

A Catholic Relief Service (CRS) financiou o projeto piloto das bodegas em Aracati e Tianguá. O projeto previa apoio para a estruturação das bodegas e feiras semanais, além de formação em associativismo e organização do trabalho coletivo.

na cidade de Viçosa, em espaço cedido pelo Sindicato dos/as Trabalhadores/as Rurais local.

“Como passar por tantas crises e sobreviver? É uma semente boa, essa!”, diz Liliane de Carvalho, apoiadora apaixonada e incansável através do MIM (Movimento Ibiapabano de Mulheres). Cleidiane Santos, a até hoje ‘Cleide da Bodega’ - na memória do povo dos tempos em foi agente de vendas, constata: “A gente vê que ainda existe gente interessada nesse sonho”. Antônio José já desanima um pouco por ver o quão distante ainda estão de uma real vivência da ecosol. Um desafio externo, das pessoas aderirem; e um desafio interno, na busca constante pela coerência dos princípios da ecosol por quem se propõe a estar ali construindo. Quem disse que seria fácil, né, Antônio José? Ele sabe que a bodega será o próprio caminho de construção dessa vivência enquanto houver quem acredite.

[pesquisa]

Eldo e Antônio José (Tidé), graduandos do curso de Gestão Ambiental da Fabibe/Educare, de Sobral, concluíram em outubro de 2015 uma pesquisa com produtoras e produtores sócios da Bodega do Povo. O intuito era saber sobre os produtos, técnicas utilizadas, condições de vida e produção, desafios e nível de satisfação com as práticas da economia solidária.

A pesquisa mostra que todas as produtoras e os produtores entrevistados sentem que tiveram significativa melhora na qualidade de vida, tanto pela alimentação mais saudável, quanto pela renda extra que conseguem através da produção.

O Eldo já era consumidor da bodega. “A gente vai se interessando cada vez mais e não tem como largar”. O Tidé resolveu se associar logo depois da pesquisa. “Eu pude entender mais o que é ecosol e o potencial que a bodega tem para catalisar esses produtos (...) Depois disso eu me associei e pretendo vender meus produtos na bodega”.

Um passo de cada vez, até conseguir andar com as próprias pernas

Depois do aprendizado, a busca da autonomia. O desafio de tomar para si a construção da economia solidária vem do entendimento de que todos são corresponsáveis.

Texto: Raquel Dantas

A Teresinha Adelino aprendeu o crochê com sete anos, só observando a professora costurando nos intervalos da aula na escola. No Sítio São Daniel, tempos depois, ela passou a usar as técnicas de costura com as palhas de bananeira para fazer artesanato. Fez parte do grupo que montou a Meruoca de Fibra, a Associação das Artesãs e dos Artesãos da Meruoca. Ouviu falar de bodega e de economia solidária quando conheceu a Socorro de Jesus, agente da Cáritas Diocesana de Sobral. “Eu não sabia nem o que era”, ri. Mas Socorro fez questão que entendesse. Levou para conhecer as bodegas em Sobral e Aracati. Foi aí que fez sentido. “Um grupo que se juntava para ajudar os outros”. Para ela, entrar na bodega foi uma oportunidade. Acessou o fundo de crédito solidário (igual ao rotativo), organizou a produção de bolsas de palha e hoje é representante do Conselho Fiscal da Associação Bodega Arcos.

A bodega fica em Sobral, desde 2008, num ponto de venda dentro da Rodoviária da cidade, cedido pela empresa de viação Guanabara. A associação da bodega reúne grupos produtivos diversos de **nove municípios do território** e começou do mesmo estímulo que as demais. Potencializar a produção da agricultura familiar e de artesanato das comunidades acompanhadas pela Cáritas e criar um espaço coletivo de venda. Em 2001 foram as primeiras conversas. Até 2006, quando consolidam uma Comissão Diocesana de Economia Solidária com 14 grupos produ-

Sobral, Meruoca, Massapê, Frecheirinha, Pacujá, Santa Quitéria, Morrinhos, Bela Cruz e Forquilha, entrando agora.

tivos, a experiência foi se organizando a partir de um primeiro fundo de crédito solidário para a compra de matéria-prima.

As associadas e os associados da Bodega se encontram em reuniões e assembleias para avaliar o trabalho e promover intercâmbio. Assim cada grupo pode se ver nas dificuldades dos outros e encontrar para os seus desafios as formas de superá-los. O acompanhamento da Cáritas ajuda a manter o coletivo, mas o objetivo da ecosol é conseguir que andem com suas próprias pernas. O desafio ainda é a autonomia, e ela virá quando conseguirem se corresponsabilizar. Dilene Vasconcelos está convencida disso. Ela é de Aprazível, do grupo produtivo Art'vida. A agente de saúde não produz, mas cumpre um papel fundamental, o de articulação.

A ecosol revelou o potencial das comunidades, de outras vivências que não só a comercial, e o cuidado uns com os outros. O lucro não é mesmo o objetivo. “Elas não estão competindo com ninguém”, frisa Socorro. Fica feliz ao ver a Dilene, que conseguiu sugar a ideia e aderir à ecosol mesmo sem ser produtora. “Parece que eu já tinha tudo isso dentro de mim”, sente Dilene sobre a compreensão da ecosol e a autocritica quanto ao consumo. Marcante para todas é a concretização de um trabalho tão desafiante como esse a partir de muitas mãos e o mesmo pensamento. “Quando eu noto que algum grupo tá saindo dos princípios, eu vou lá e cobro”. A filha brinca que ela é meio general, mas é porque Socorro se cobra também. “A ecosol cobra da gente, de ter uma postura ética”. Cobra consciência, não é, Socorro? “Se a gente não conseguir levar pra vida da gente, para casa da gente, o que é que eu tô fazendo, afinal?”.

À esquerda, Socorro de Jesus, Dilene Vasconcelos e Adriana Duarte. Acima e à direita, produtos da Bodega Arcos

90%

dos grupos produtivos são formados por mulheres jovens.

2013

Foi o ano em que formalizaram o coletivo através da criação da Associação Rede Bodega Arcos de Sobral e Região Norte. Todas as outras bodegas passaram pela regularização jurídica.

12%

É o valor que fica para a bodega de tudo o que é comercializado. Uma forma de garantir recurso para mantê-la funcionando. O percentual é adotado pelas outras bodegas.

Teresinha Adelino trabalhando o tecido de palha no tear

“Pessoas independentes tecem laços recíprocos, aprendendo e ensinando nossas vidas estão mudando. Chegou um novo tempo.”

POETA REGINALDO FIGUEIREDO

O templo da solidariedade

O poeta Reginaldo Figueiredo

Poetizar pode ser um puro ato solidário. É a sensibilidade a outra e ao outro desenhada em palavras. Quando se torna algo coletivo e tão essencial quanto respirar, a prática da solidariedade se faz uma constante.

Texto: Raquel Dantas

Se cada história de vida é única, o que dirá a dos espaços construídos por várias vidas, cada uma com trajetórias tão distintas. Já testemunhamos que são assim as bodegas. Os encontros - belo e incrível da aventura de viver, dão cara e sentido a esses espaços. Talvez assim seja possível traduzir a essência da Vila dos Poetas, a derradeira bodega a ser contada, a mais nova bodega ainda em gestação. A sua história só começa a ser possível por um encontro.

No início da década de 90, enquanto Ítalo Rovere comprava um terreno em Maranguape, idealizando um projeto para trabalhar arte com crianças em situação de rua; Reginaldo Figueiredo se tornava um lutador em defesa da moradia ao se deparar com os problemas habitacionais da capital Fortaleza, inchada e segregada, sentidos na pele ao ir morar na comunidade São Cristóvão. Quase duas décadas depois, juntos numa mesma atividade, um poema de Reginaldo fez com que trocassem contatos, se encontrassem depois e compartilhassem ideias, planos de poemas. Veio daí a ocupação de um prédio da família de Ítalo no centro da cidade. Local para saraus, leitura, diálogos, para “a expressão da palavra solta”. Foi fundado o Templo da Poesia.

O Templo se mudou em 2011 junto com seus poetas (outras e outros mais já se somavam) para o antigo terreno de Ítalo em Maranguape. Criaram a Vila dos Poetas, espaço produtivo, autogestionário e autossustentável, onde as boas-vindas são pura energia da dinâmica solidária e harmônica que conseguem estabelecer. Cada morador e moradora produz algo ou oferece o que sabe fazer. Mosaicos, livros, ilustrações, pintura, poesias, brinquedos artesanais ou mesmo as articulações e construção do próprio movimento da Economia Popular Solidária, na qual alguns estão mais a frente, como a Ana Lourdes Freitas (representa o Ceará no Fórum Brasileiro de Economia Solidária).

[poético]

O Templo virou referência dentro do movimento local e nacional de Economia Solidária como um dos poucos empreendimentos culturais atuantes no dia-a-dia da prática da ecosol. Integram a Rede Cearense de Socioeconomia Solidária (RCSES) bem antes de se firmarem como coletivo. Pela Rede Bodega são acompanhados pela Cáritas Regional Ceará e a Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza.

“Essa bodega vai ser a integração das outras”, prevê Reginaldo contando do plano de estruturar uma pousada na Vila. A acolhida já funciona desde que chegaram ali, mas a ideia é tornar possível receber mais gente e proporcionar um turismo socioambiental e responsável. As obras já estão em andamento. O espaço físico da Bodega também está em construção. Madeiras, garrafas plásticas, ferros e outros materiais reaproveitados dão forma à estrutura da casa na entrada da Vila. Mutirões darão conta de organizar o espaço até dezembro, quando esperam conseguir inaugurá-lo. Mais do que ações de comercialização, será espaço para vivências e trocas.

Para alguns o namoro com a ecosol é mais recente. Para outros vem de antes do Templo. Para Reginaldo, economia solidária é algo que lhe acompanha desde a criação de uma poupança solidária comunitária no período turbulento da defesa da moradia no São Cristóvão. Para ele, seria bom se a economia pudesse ter outro nome, capaz de se harmonizar com o sentido da solidariedade. “Eu penso numa economia de ser humano, de gente”. E quer provocar dentro da Rede as consciências de quem a constrói, para que não se deixem morrer na ilusão da palavra sem persistir na tentativa constante e desafiante de vivenciar a ecosol.



Páginas internas e capa Livro Tato Amarelo de Ítalo Rovere.

Rodada de Comercialização possibilita intercâmbio e fortalecimento coletivo

FOTOS: IZABEL CRISTINA

Passo 1

Troca de emails: antes da rodada as bodegas trocam emails fazendo os pedidos (produto e quantidade) e especificando quais produtos cada bodega tem para oferecer na rodada de comercialização.

Passo 2

Prestação de contas: a rodada inicia com a prestação de contas dos produtos adquiridos na rodada anterior. Cada bodega deve apresentar o que vendeu, o que tem em estoque, vendas fiadas, trocas, perdas etc, e o quanto trouxe em dinheiro para a atual rodada.

Passo 3

Intercâmbio dos produtos: na pauta da reunião da Rede é reservado um horário para a Rodada de Comercialização. Todas as bodegas expõem os produtos que trouxeram. Iniciamos as vendas e compras ao mesmo tempo, enquanto uma compra a outra vende. O ideal é que tenhamos de cada bodega duas pessoas, uma que compra e outra que vende. As bodegas que fizeram pedidos anteriormente tem prioridade para os produtos pedidos. É neste momento também que fazemos a troca dos produtos (os produtos que foram comprados em outra rodada e por ventura não foram vendidos podem ser trocados por outros).

Passo 4

Finalizamos fazendo uma avaliação do momento e um levantamento dos valores que circularam na rodada, quanto cada bodega comprou e vendeu.

Somos “aprendentes” e “ensinantes” de uma prática que se faz no dia a dia. Assim é a Rodada de Comercialização. Uma metodologia criada pela própria Rede Bodega que objetiva realizar o intercâmbio dos produtos entre as bodegas, ampliando a comercialização, divulgando os produtos com outros consumidores e fortalecendo a Rede como um todo. Ela está baseada nas trocas solidárias, uma das dimensões da economia solidária.

Em clima de festa, entre risos e acertos, a primeira rodada aconteceu em agosto de 2012, a partir da construção do acordo coletivo de funcionamento e vinculada às reuniões bimestrais da Rede Bodega. Cada bodega recebeu 840 reais advindos de projetos. O valor foi destinado ao Fundo de Comercialização que fomentaria a metodologia das rodadas.

Essa prática tem nos garantido ricos momentos de integração e harmonia em Rede, possibilitado ganhos com a antecipação das vendas (pelas quais produtores e produtoras

recebem o valor antes do produto chegar ao consumidor final), provocado discussão sobre o consumo ético pelos participantes e favorecido o aumento das vendas com a diversificação de produtos nos espaços das bodegas. A realização das nove rodas de comercialização que já aconteceram geraram uma movimentação financeira de R\$ 19.000, com uma média por rodada de R\$ 2.111.

Alguns desafios ainda fazem parte do processo de amadurecimento da metodologia, como o deslocamento dos produtos das bodegas para a rodada e da rodada para as bodegas, a sazonalidade da produção da agricultura familiar e agroecológica, a pouca produção dos grupos e alguns ruídos na comunicação.



Luciana Eugênio

COMISSÃO GESTORA DA REDE BODEGA E INTEGRANTE DA BUDEGAMA

[regras da rodada]

- >> Produtos com etiqueta própria do fundo;
- >> Porcentagem (12%) de cada produto para a bodega;
- >> Produtos em estoque podem entrar no FC;
- >> Utilização do recurso do FC somente para rodadas, estas durante as reuniões da Rede e conveniências;
- >> O produto adquirido na rodada de negociação que não sair da prateleira voltará para rodada e poderá ser trocado por qualquer outro produto da mesma bodega, sem necessariamente ser do mesmo grupo;
- >> Para entrar na rodada de comercialização os produtos passam pelas bodegas de origem;
- >> Para as negociações durante a rodada, o primeiro momento é das compras ajustadas via e-mail.

Primeira Rodada de Comercialização, em agosto de 2012, em Fortaleza.

Para uma economia solidária, finanças solidárias

As finanças solidárias são a sustentação que torna viável a existência dos grupos produtivos populares da ecosol.

10 anos da Bodega do Povo, em Viçosa. 2014

FOTOS: RAQUEL DANTAS

Texto: Raquel Dantas

Autonomia e autogestão são elementos fundamentais da vivência do modelo de desenvolvimento da economia solidária. Várias ferramentas foram se constituindo para viabilizar a efetiva participação e apropriação por parte de quem faz essa economia acontecer; produtores/as, prestadores de serviços que vivem os princípios da ecosol nos processos de produção, consumo e comercialização.

As finanças solidárias são operacionalizadas por Bancos Comunitários, Cooperativas de Crédito e pelos fundos solidários. Na Rede Bodega adotamos a prática de fundos. Os fundos solidários são ferramentas que se destinam ao apoio a projetos de unidades familiares, grupos informais, associativos e comunitários. São gerenciados pelos próprios associados e associadas e constituídos a partir de recursos financeiros, bens e/ou serviços, oriundos dos seus membros, de projetos ou de doações de terceiros.

Resultam na organização comunitária, no acesso fácil e desburocratizado aos recursos, na resolução de situações emergenciais de âmbito familiar e comunitário, no fortalecimento das práticas produtivas da ecosol, na partilha e autonomia do sujeito que define coletivamente o funcionamento desse tipo

de poupança comunitária. É rotativo por possibilitar que os recursos, bens e ou serviços girem entre os integrantes do fundo, que se comprometem com a devolução responsável e solidária a partir das definições e acordos coletivos.

As bodegas articulam em seus territórios essa prática dos fundos solidários, que contribui para o desempenho das atividades produtivas e de serviços dos seus associados. Na Bodega Nordeste Vivo e Solidário o fundo rotativo é uma metodologia permanente de autogestão, hoje gerenciado por uma comissão de produtoras e produtores que se reúnem periodicamente com a finalidade de fazer acompanhamento a situação dos acessos, aprovar projetos e discutir as melhorias de seu funcionamento. Em assembleia aprovaram as regras do fundo, tendo como prioridade atender os grupos de produção associados à Bodega/COAPSOL, com destaque para produção de alimentos agroecológicos, artesanato e confecção, e se enquadrando nos 12 critérios elegidos pelo coletivo.

A associada Dona Maria Barbosa, do Grupo Quero Mais, já acessou o fundo três vezes e defende a importância desse sistema: “Sem capital de giro a gente não poderia ter continuado. A gente ficava no vermelho o tempo todo. A mão de obra era cara. Era muita gente e a produção era pouca”. O recurso do primeiro e do segundo acesso ao fundo foi para a compra de matéria-prima para a produção caseira de doces de caju. O terceiro acesso foi para a compra de galinhas, comida e tela. A criação também ajuda a complementar a renda de casa.

GALERIA

FOTOS: RAQUEL DANTAS

Espaço físico
da Bodega
Nordeste Vivo
e Solidário de
Aracati

Bonecas da
Budegama

Produtos
da Bodega
do Povo

Mãos Teresinha
Adelino a tecer,
costurando o
tecido de palha
no tear

Edição especial
do livro Tato
Amarelo, de
Ítalo Rovere, em
miniatura

REDE BODEGA



A economia popular solidária mostra
que outra economia é possível e abre
caminho para um mundo melhor.

FORTALEÇA ESSA PRÁTICA!



**CÁRITAS
BRASILEIRA**
Regional Ceará